

ANÚNCIOS COM O CLÍTICO *SE* – UMA LEITURA FUNCIONALISTA

Alexsandra Ferreira da Silva (UFF)

INTRODUÇÃO

Este tema foi escolhido devido à observação do grande quantitativo de anúncios, cuja construção VERBO + *SE* se faz presente. Além disso, nota-se que os verbos utilizados nessas construções apresentam diferentes predicções, inclusive aquelas com verbo transitivo direto – sem a realização da concordância entre o verbo e seu suposto sujeito – fato que vai de encontro com a teoria canônica. Neste sentido, vale destacar ainda as dificuldades encontradas por professores e alunos em ensinar e aprender os preceitos normativos relativos a estas construções, o que sugere um estudo mais aprofundado deste assunto.

Defendemos a idéia de que a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas e, sendo assim, não é utilizada de maneira arbitrária; há motivações responsáveis pelo uso lingüístico da construção em questão, fazendo com que o falante não realize qualquer discriminação entre os verbos utilizados, mantendo-os no singular, numa estrutura que atende aos propósitos comunicativos de um anúncio. Neste sentido, trabalharemos com a teoria funcionalista de linguagem, adotando uma perspectiva de gramática em consonância com a pragmática, ou seja, como instrumento de interação, uma vez que a estrutura lingüística revela propriedades cognitivas provenientes dessa interação.

Como forma de organizar a temática proposta, inicialmente apresentaremos uma breve revisão da literatura com objetivo de retratar a maneira como autores de diferentes linhas teóricas apresentam as questões concernentes à indeterminação do sujeito e à voz passiva. Seguindo, trataremos da fundamentação teórica utilizada na pesquisa. Posteriormente, serão expostos os aspectos metodológicos e a análise dos dados, a fim de estabelecermos algumas conclusões acerca do assunto.

1. REVISÃO DA LITERATURA

Pretende-se nesta seção retratar a maneira como autores de diferentes linhas de pesquisa abordam a questão da indeterminação do sujeito e voz passiva, no que tange a construções com o clítico *SE*, a fim de fazer uma reflexão crítica sobre a temática.

Com esse propósito, selecionamos para análise os textos teóricos de Cunha & Cintra (2001) e Bechara (2004), que representam a tradição gramatical, e os textos de Azeredo (2002) e Kury (2004), que apontam alguns questionamentos um pouco diferentes da tradição, apesar de o último também ser considerado um estudioso tradicional. Mostraremos a visão de cada um dos autores acerca do tópico, assinalando questões que nos chamaram a atenção.

Destacamos, inicialmente, que todos os textos teóricos selecionados para análise bem como qualquer texto de descrição lingüística afirmam que a indeterminação do sujeito acontece quando não se conhece ou não há o desejo de mencionar o agente de uma ação, como ilustra-se abaixo com trecho retirado de Cunha & Cintra (2001, p. 128):

“Algumas vezes, o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse em seu conhecimento. Dizemos, então que o SUJEITO é INDETERMINADO.”

No desenvolver do tópico, os autores demonstram algumas das possíveis formas lingüísticas para realizar indeterminação, ressaltando entre elas a construção com verbo na 3ª

pessoa do singular acompanhado do clítico SE. É importante destacar que os autores descrevem esse tipo de construção sem fazer nenhuma menção ao tipo de predicação verbal que possibilita a referida construção. Apenas, quando muito, sugerem que o pronome SE não deve ser seguido ou referido a substantivo que sirva de sujeito:

“Verbo na 3ª pessoa do singular acompanhado do pronome se, originalmente reflexivo, não seguido ou não referido a substantivo que sirva de sujeito do conteúdo predicativo.”¹

Quanto à voz passiva, podemos assinalar que os autores tradicionais se referem à questão como um caso em que o fato expresso pelo verbo é sofrido pelo sujeito. Demonstram que tal passividade pode ser expressa, geralmente, mediante o uso de duas formas, uma com a presença de um verbo auxiliar e um verbo principal no particípio e outra “*com o pronome apassivador se e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito*”. (Cunha & Cintra, 2003, p. 385)

Atentando para os respectivos exemplos (“*Pedro foi ferido por João*” e “*Não se vêem rosas neste jardim*”), fornecidos por Cunha & Cintra (ibid.), nota-se que a noção de passividade é bastante presente no primeiro caso, porém nas construções com SE há uma postulação de sentido passivo um pouco forçada, que leva em conta apenas fatores de natureza estritamente gramatical. Mais difícil ainda é a aceitação da presença de um possível sujeito passivo, posposto ao verbo, devendo com ele concordar.

Bechara (2004b, p. 197), apesar de estabelecer em sua gramática uma diferença entre voz passiva (“*forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação*”) e passividade (“*fato de a pessoa receber a ação verbal*”), ratifica o sentido de passividade em construções com o clítico SE. O autor não deixa muito claro se considera tais construções como casos de voz passiva ou reflexiva, porém o sentido de passividade é corroborado também na voz reflexiva, que é categorizada como “*a forma verbal que indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), [...] podendo expressar sentido de ‘passividade com se’. Ex.: Alugam-se casas*”. (Bechara, ibid.)

Assim, as análises tradicionais de indeterminação e voz passiva mostram-se pautadas em razões de natureza puramente sintática/ gramatical. No entanto, a comunicação não se apresenta como algo que precisa apenas ser decodificado através da análise de fatores sintáticos. É preciso levar em conta as intenções dos falantes no processo de comunicação.

Alguns autores salientam que a voz efetivamente passiva em português somente se constrói pela forma analítica. Azeredo (2002) evidencia as funções semânticas do sujeito, enfatizando que a voz passiva acontece quando o sujeito tem o papel de paciente por força da construção “*ser + particípio*”. Desta forma, considera construções com o clítico se como um subtipo de voz reflexa com agente indeterminado. Ex.: “*Aceita-se aterro, Ainda não se emitiram os recibos*”. (ibid., p. 174)

Verifica-se, desta forma, que Azeredo (ibid.) vai um pouco além da tradição ao considerar o papel de agente indeterminado em construções com VTD + SE. Entretanto, apesar de o autor destacar a indeterminação do agente em tais construções, considera a existência de um suposto sujeito sintático posposto ao verbo, o qual deve com esse verbo estar em concordância. Assim, embora considere a presença de um agente indeterminado, Azeredo (ibid.) não arrola os casos com VTD + clítico SE dentre os possíveis casos oficiais de indeterminação.

No início do capítulo sobre sujeito, Azeredo (ibid., p. 173) destaca que “*cada sintagma nominal que se vincula a um verbo não só trava com ele uma relação sintática, mas ainda recebe dele um papel semântico a desempenhar*”. No entanto, os fatores semânticos, neste

¹ BECHARA, 2003b, p.22

caso, não estão sendo considerados em sua totalidade, aliados à pragmática. É como se o sujeito recebesse um papel semântico de acordo com a sua função sintática na frase. As prioridades vão da sintaxe à pragmática. Segundo o autor (ibid),

“o que está claro é que o sujeito não se caracteriza por seu papel semântico na frase, mas por ser um lugar sintático de preenchimento obrigatório junto aos verbos pessoais, apto, portanto, a abrigar qualquer noção compatível com o conteúdo do verbo em questão.”

De acordo com esse paradigma formal, a língua é vista como um sistema abstrato e autônomo em relação às situações de uso real da língua. Não se levam em conta fatores de ordem pragmática.

Kury (2004, p.37) também vai um pouco além da tradição na medida em que destaca uma “*conjugação pronominal de sujeito indeterminado com verbos transitivos diretos*”, o que consideramos perfeitamente possível e conforme com a intenção comunicativa de indeterminação através da construção VTD + SE. Entretanto, o autor (ibid.) considera viável a existência desse tipo de conjugação pronominal somente se o verbo transitivo direto estiver empregado com objeto direto preposicionado ou intransitivamente, caso contrário o que existe é a constituição de um uso vulgar, que contraria a norma de boa linguagem:

“A frequência do emprego do pronome se, para indicar sujeito indeterminado, com verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação – ‘Vive-se bem aqui’; ‘Precisa-se de uma secretária’; ‘Nunca se é excessivamente bom’ –, levou a estender esse uso aos próprios verbos transitivos diretos, desde que empregados com objeto direto preposicionado, ou intransitivamente:

‘Admira-se a Bernardes.’; ‘Começa-se, acaba-se, interrompe-se, adia-se, continua-se ou descontinua-se à vontade e sem comprometimento.’ (Garrett, VTM, 294).

O uso vulgar estende esse emprego até aos verbos transitivos diretos sem objeto preposicionado (‘Conserta-se relógios.’; ‘Aluga-se apartamentos.’), construções que a norma vigente na boa linguagem literária.”²

Desse modo, apesar de Kury (ibid.) assinalar a possibilidade de indeterminação em construções com verbos transitivos diretos acompanhados do clítico se, sua análise mostra-se bastante presa a normas que resumem a língua em si mesma, já que as orações são descritas segundo razões de natureza formal, independente do contexto/ situação. O autor trata verbos de mesma predicação e em situações similares de maneira diferente devido à presença ou não de preposição. Essas sutilezas categóricas pulverizam as intenções do falante em situação comunicativa.

Em linhas gerais, pode-se perceber que as discussões apresentadas em todos os textos teóricos analisados apontam para uma análise bastante estrutural dos fenômenos de indeterminação e passividade. Os textos de Cunha & Cintra (2001) e Bechara (2004), como foi destacado no início da seção, são os mais tradicionais, representando de maneira categórica, a sistematização estrutural dos referidos fenômenos. Já os textos de Azeredo (2002) e Kury (2004) levam em conta alguns aspectos não considerados pela tradição, porém conservam a análise estrutural em construções com VTD + SE.

Consideramos que tal análise não estuda as construções com o clítico SE em sua totalidade, visto que é preciso levar em consideração as motivações que levam à formulação das referidas construções pelos falantes. No entanto, todas as considerações apontadas mostram-se de extrema importância para a análise que objetiva este trabalho. Constituem um

² ibid., p.37-38

dos pontos de partida para nossas reflexões e apontamentos. Assim, o objetivo deste trabalho de pesquisa não é ir contra a tradição, pura e simplesmente. Defende-se que, num outro viés, é preciso dar conta das pressões cognitivas e, sobretudo das pressões de uso, uma vez que a lógica sintática nem sempre permite explicar a complexidade da comunicação. É preciso, também, levar em consideração e analisar as estratégias cognitivas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu discurso.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção destina-se à apresentação da teoria utilizada como subsídio para análise das construções em estudo neste trabalho. Inicialmente, faremos uma breve descrição dos pressupostos teóricos fundamentais da teoria funcionalista de linguagem. Seguindo, trataremos da noção de construção nos estudos funcionais e da questão do anúncio como um gênero textual.

2.1 FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO

A teoria funcionalista analisa a linguagem em seu contexto real de uso, ou seja, concebe-a como um instrumento utilizado pelos interlocutores com a finalidade de interação social. Sendo assim, a língua não é vista como uma unidade em si mesma, ao contrário, ela serve aos interesses dos indivíduos na construção do discurso.

Sob essa perspectiva, a estrutura gramatical é vista como um sistema maleável, em que são permitidas algumas adequações e/ ou exceções às regras, tendo como parâmetro os usos lingüísticos. Sendo assim, as categorias não são discretas, elas apresentam um eixo central prototípico, que é acompanhado por suas margens. As fronteiras entre as categorias não são rigidamente estabelecidas.

Essa flexibilidade em termos de categorização acontece porque, no paradigma funcional, a língua, considerada um instrumento de interação social, é analisada durante o processo de comunicação. O estudo da codificação lingüística se faz dentro do quadro de uso, levando-se em consideração uma série de fatores comunicativos e contextuais, que são responsáveis por determinar as categorias em um contexto específico.

Assim, são as expressões situadas em um contexto que vão fornecer os dados para a descrição do funcionamento lingüístico. Nesse sentido, torna-se relevante destacar a importância de se levar em conta fatores de ordem pragmática, como as intenções comunicativas, que sugerem a existência de muitas construções. A análise acerca das motivações de fala que levam à construção classificada pela tradição como passiva pronominal, por exemplo, permite uma categorização semelhante aos casos de indeterminação do sujeito, como veremos no decorrer do trabalho. A categorização é dependente do contexto e admite-se a intersecção de categorias, tendo em vista que os elementos podem partilhar características.

Segundo o funcionalismo, os fenômenos lingüísticos são analisados em sua totalidade. Assim, constituem um quadro pragmático, dentro do qual a semântica e a sintaxe vão sendo estudadas e analisadas em termos de categorização. Essa questão remete-nos a um debate antigo sobre a origem e o desenvolvimento das categorias gramaticais. No âmbito da lingüística funcional, as categorias são tratadas em termos de regularidade dos usos lingüísticos, sob a ótica da *gramaticalização* e da *discursivização*. Trata-se de processos que dizem respeito à regularização de usos lingüísticos, analisando os possíveis caminhos pelos quais dadas formas gramaticais perpassam, sem alocar os fenômenos em categorias discretas.

Assim, de uma forma geral, tanto a gramaticalização como a discursivização são fenômenos relacionados à mudança lingüística. Estuda-se o processo pelo qual diversos usos da língua sofrem transformações, cedendo a pressões de informatividade. Tais pressões se referem à maneira como os interlocutores constroem os discursos para alcançar suas intenções comunicativas, que, de uma forma ou de outra, exerce influência sobre determinados usos lingüísticos, podendo transformá-los. Nesse sentido, é importante atentarmos para o fato de que é a partir do discurso e para o discurso que o sistema gramatical precisa estar voltado. Desse modo,

“quando algum fenômeno discursivo, em decorrência da freqüência de uso, passa a ocorrer de forma previsível e estável, sai do discurso para entrar na gramática. No mesmo sentido, quando determinado fenômeno que estava na gramática passa a ter comportamentos não previsíveis, em termos de regras selecionadas, podemos dizer que sai da gramática e retorna ao discurso.”³

Nesse sentido, pode-se perceber que a língua passa por um processo de mudança, que revela o aspecto não-estático da gramática. É importante ressaltar que essas mudanças não acontecem de maneira aleatória, elas seguem a alguns princípios, que geralmente são recorrentes e translingüísticos. As situações reais de comunicação motivam as transformações que apresentam, por exemplo, unidirecionalidade. Segundo esse princípio, os processos de mudança seguem fatores de ordem cognitiva, sociocultural e comunicativa. Os fenômenos lingüísticos perpassam uma trajetória linear e sucessiva na qual um sentido novo aparece apoiando-se numa base de sentido anterior. De acordo com essa perspectiva, a construção de sentidos novos se dá em consonância com nossa experiência de mundo, que nos permite realizar transferências de domínios, construindo, assim, significados cada vez mais abstratos e gramaticais que atendam às nossas intenções comunicativas.

Assim, a mudança semântica se dá através de motivações cognitivas e comunicativas em que prevalece uma relação intrínseca entre experiência, pensamento e linguagem. Logo, a transferência de domínios para a construção de novos sentidos acontece num contínuo concreto > abstrato, por meio de mudança metafórica. A unidirecionalidade, caracterizada pela teoria da gramaticalização, propõe uma trajetória linear em que, através da experiência, fazemos uso de conceitos mais concretos em contextos mais abstratos. Um bom exemplo para ilustrar essa trajetória diz respeito a nossa organização espaço-temporal do mundo físico. Utilizamos conceitos espaciais, como por exemplo, “aqui”, “abaixo” e conceitos temporais, como “agora”, analógica e/ ou metaforicamente para caracterizar também, o universo mais abstrato do texto.

Convém esclarecer que o conceito de metáfora neste processo é concebido como um fenômeno participante do discurso, utilizado pelos interlocutores na produção de novos sentidos. A metáfora, neste caso, supõe a existência de um significado primeiro, geralmente concreto, que tem seu sentido estendido, por analogia, a um significado de natureza mais abstrata, numa transferência de propriedades. Isso acontece, pois nossas ações no mundo nos permitem apreender esquemas imagéticos que dão significado às nossas expressões lingüísticas.

Todavia, nem todos os nossos conceitos resultam de esquemas imagéticos. Há domínios da experiência cuja conceitualização depende de mecanismos mais abstratos, como é o caso da metonímia, que aliada aos mecanismos metafóricos, estabelece relações de sentido a partir de características particulares. A metonímia, neste caso, suscita processos cognitivos que vão além das nossas experiências mais concretas. Trata-se da mudança que determinadas formas sofrem devido a uma relação de contigüidade com outras em função do contexto. Desta

³ FURTADO DA CUNHA, M. A., COSTA, M. A., CEZARIO, M. M, 2003, p.50

forma, à mudança metafórica também está relacionada a mudança metonímica, uma vez que a transferência de domínios faz com que determinadas formas sofram mudanças em função do contexto lingüístico e pragmático. Tais mudanças possibilitam uma releitura de formas e/ou construções constituindo novos sentidos.

Assim, o processo metonímico gera uma contigüidade de formas não só lexicais, como sintáticas fazendo com que a mudança ocorra não apenas sob uma forma em si, mas em toda uma construção da qual a forma faz parte. A contigüidade metonímica, em muitos casos, induz a uma reinterpretação mediante reanálise, que reorganiza estruturas de um dado enunciado para atingir novas metas comunicativas.

É importante perceber, portanto, que na perspectiva funcionalista o falante não inventa arbitrariamente seqüência de sons para criação de novos rótulos. Há uma forte tendência em utilizar aquilo que já existe na língua, estendendo o sentido de palavras ou expressões para alcançar diferentes propósitos comunicativos. Os usos lingüísticos seguem a motivações cognitivas e comunicativas, estruturando-se numa correlação natural icônica entre forma e função. Desta forma, uma maneira adequada para compreender a teoria da lingüística funcional seria pensar a língua como um sistema não-arbitrário, em que princípios icônicos interagem com princípios mais simbólicos na construção de sentidos.

2.2 A NOÇÃO DE CONSTRUÇÃO NOS ESTUDOS FUNCIONAIS

Segundo Gonçalves et alli (2007, p. 103) “*a gramaticalização pode atingir uma estrutura maior do que um item, menor do que uma oração, muitas vezes não-segmentável*”. Essa estrutura, que não é necessariamente um item nem uma oração, é tratada na literatura mais recente sobre gramaticalização como uma construção, que ocorre nas modalidades oral e escrita como uma unidade cristalizada, admitindo pouca ou nenhuma variação.

De acordo com essa perspectiva, as construções representam um sentido composicional que independe do sentido literal de seus elementos. Assim, estão disponíveis na memória, apresentando alguma relação de sentido com um frame ou cena altamente estruturado. Goldberg (1995, p. 40) levanta a hipótese de que as construções de estrutura argumental designem cenas que são semanticamente privilegiadas por serem básicas para a experiência humana. As construções codificariam como sentido central tipos de evento que são reconhecidos na experiência por serem recorrentes. Desse modo, a semântica e a pragmática determinam como as construções são formadas, bem como a sua função; e a repetição as legitimam como tal.

2.3 O ANÚNCIO COMO GÊNERO TEXTUAL

Defendemos a idéia de que a língua deve ser analisada levando-se em conta fatores de natureza sintática, semântica ou pragmática, que influenciam os usos lingüísticos. E estudar a língua em seus aspectos discursivo-pragmáticos implica a análise dos fenômenos lingüísticos em seu contexto real de uso, ou seja, no momento da comunicação. Desta forma, partimos do pressuposto defendido por Bakhtin (1997), Bronckart (1999) e grande parte dos autores que consideram os aspectos discursivos na análise da língua, de que a comunicação verbal somente acontece por meio de algum gênero textual. Para o propósito deste trabalho, nos dedicaremos ao estudo e análise de anúncios, gênero textual em que a construção em estudo é bastante presente.

Todavia, vale ressaltar que a questão do gênero não é tratada aqui em sua concepção clássica-literária, fundamentada explicitamente no modo de enunciação dos textos, relegando a atitude de enunciação a um plano secundário. Ao contrário, considera-se o gênero como

uma forma de ação coletiva e social presente nas mais diversas situações comunicativas, que surgem das necessidades sócio-culturais. O gênero representa uma forma recorrente, compartilhada pelos sujeitos em interação e utilizada para atingir um propósito comunicativo específico. A respeito desse raciocínio é importante ressaltar o que diz Marcuschi (2002, p. 20):

“(...) os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas.”

Apresentando funções comunicativas diversas a depender do contexto, os anúncios representam um gênero textual, cujo objetivo maior é chamar a atenção do interlocutor para um determinado fato. Sendo assim, o anúncio como gênero textual assume uma “função mediadora” (PINHEIRO, 2002) da relação produtor-produto-receptor, uma vez que a transmissão da mensagem se dá através do conhecimento partilhado entre produtor e receptor. PINHEIRO (ibid., p. 266) ressalta que “os gêneros, investidos dessa função mediadora, tendem a ser vistos como um dispositivo sob o qual produtores e receptores podem produzir e interpretar um enunciado, um texto”. É importante destacar, portanto, que não só a produção como a interpretação do enunciado se dá em consonância com o conhecimento intersubjetivo dos participantes do discurso.

Analisando os anúncios, é possível perceber que eles apresentam um propósito comunicativo definido, constituindo um modelo comunicativo. Representam um gênero que serve para criar uma expectativa no interlocutor a fim de prepará-lo para uma determinada reação. Ao escrever um anúncio, espera-se do interlocutor uma resposta a esse enunciado. Desta forma, os anúncios caracterizam-se como uma atividade sócio-discursiva com objetivos específicos, relacionados a uma questão de uso. Ressalta-se, portanto, a importância de estudar as construções com o clítico SE em textos de um gênero específico, uma vez que analisar essas construções inseridas num gênero textual possibilita um estudo funcional do fenômeno.

3. A CONSTRUÇÃO VTD + SE SOB PERSPECTIVA FUNCIONAL

A presente seção visa apresentar algumas considerações acerca da construção VTD + SE à luz dos princípios propostos pela lingüística funcional, com o objetivo de fazer uma reflexão crítica a respeito de seu uso e adequações sintático-semânticas.

Como vimos na primeira seção, que trata da revisão da literatura, as construções V + SE são alocadas pela orientação tradicional em categorias discretas, precisamente delimitadas, com base em critérios formais de análise, que levam em consideração somente fatores de natureza estritamente gramatical. Segundo a tradição, as construções VTD + SE são casos característicos de voz passiva, enquanto as construções com verbos de quaisquer outras predicções são analisadas como casos de indeterminação do sujeito.

Todavia, constatamos em nosso trabalho um uso indiscriminado de tais construções em que o falante não faz a distinção entre predicções verbais e generaliza o uso de diferentes construções com o clítico se – do ponto de vista formal – em função de um mesmo propósito comunicativo: ressaltar ações, sem especificar o agente delas, ou seja, indeterminando-o. A noção de passividade não se faz presente. São construções do tipo: “Necessita-se de lojas para alugar” ou “* Procura-se lojas para alugar”.

De acordo com a abordagem funcionalista, é possível analisar os dois casos segundo a assunção de que as categorias não são discretas e as margens devem ser consideradas. No primeiro caso, há uma indeterminação prototípica do sujeito e, por analogia, o falante acaba generalizando e utiliza construções com verbos transitivos diretos com o mesmo propósito. Isso acontece, uma vez que o usuário não considera que haja a idéia de passividade em tais construções e o complemento posposto ao verbo não é interpretado como um sujeito. Consideremos o exemplo: “*Procura-se lojas para alugar”.

Essa construção apresenta algumas implicações semânticas, visto que casos como esses trazem a noção de indeterminação. Ademais, é importante destacar que o suposto sujeito, neste caso, ocupa a posição prototípica de um objeto, apresentando, portanto, características desse último. Geralmente, o sintagma posposto ao verbo constitui um complemento que representa um ser inanimado, como em “lojas para alugar”, que não exerce nenhum poder de manipulação, assemelhando-se mais a um objeto que propriamente a um sujeito.

Heine⁴ (1994 apud Silva, J. R., 2006, p. 205) assinala que a emergência de estruturas linguísticas é proveniente de processos cognitivos básicos, por meio dos quais conceitos gramaticais são expressos em função de experiências humanas básicas. Tal afirmativa justifica a relevância de levar em consideração as intenções comunicativas dos falantes ao realizar determinadas construções e não alocar os fenômenos em categorias discretas. As categorias são caracterizadas e organizadas na mente do usuário da língua, através da sua experiência de mundo. Em relação ao tópico em estudo neste trabalho de pesquisa, é possível perceber que as construções com o clítico se são amplamente utilizadas para indeterminar o sujeito. Com base nessa experiência, o falante amplia a utilização de tais construções com os VTDs, através de uma reanálise metonímica conferindo a esse tipo de uso a marca da indeterminação.

Como o falante não considera o complemento posposto ao verbo como sujeito, nem decodifica passividade na forma verbal dita passiva sintética, toda a construção é reanalisada. Desse modo, ocorre uma mudança na expressão através da reinterpretação dos elementos constituintes da estrutura, que passa a ser utilizada como uma marca de indeterminação do sujeito. A respeito desse raciocínio, é preciso evidenciar a maneira como os processos de metonímia e reanálise são abordados numa perspectiva funcional por Martelotta (1996):

Metonímia: É a mudança que sofre uma determinada forma em função do contexto lingüístico (e pragmático) em que está sendo utilizada. A contigüidade [...] é posicional ou sintática, no sentido de que a mudança não ocorre apenas com a forma em si, mas com a expressão toda da qual a forma faz parte.

Reanálise: É um mecanismo cognitivo de natureza metonímica que se caracteriza por uma reorganização da estrutura do enunciado, e uma reinterpretação dos elementos que o compõem.

A reanálise acontece na medida em que a forma VTD + SE passa a ser utilizada em função de um novo contexto lingüístico; o falante, portanto, reorganiza a estrutura em prol de outro propósito comunicativo, através de uma transferência de domínios. Nesse sentido, é importante ressaltar que o falante faz uma nova interpretação da estrutura com base em processos cognitivos pautados em experiências básicas de indeterminação, ou seja, o falante utiliza “perfeitamente” uma das marcas de indeterminação do sujeito, muito freqüente em Língua Portuguesa: “Verbo na 3ª pessoa do singular, com o pronome se” (Cunha & Cintra, 2003, p. 128). Há a emergência de uma estrutura linguística, a qual a experiência já transferiu para os esquemas cognitivos básicos, porém de maneira reanalisada, com VTD.

⁴ HEINE, B. Grammaticalization as an exploratory parameter. In: PAGLIUCA, W. (Ed.). *Perspectives on grammaticalization: current issues in linguistic theory*. v. 109. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 255-87.

De modo geral, em contextos de anúncios, as construções com VTD e clítico SE correspondem a um arranjo icônico de signos, que descarta a existência de uma relação arbitrária entre o código e linguagem, uma vez que há uma relação intrínseca entre a estrutura e as motivações de fala presentes no contexto. Assim, é importante destacar que quando o usuário reanalisa a construção VTD + SE, utilizando-a para ressaltar o fato e/ou a ação, indeterminando sujeito, passa a haver um isomorfismo semântico e sintático, em que a função motiva a forma. Estabelece-se uma relação de proximidade e, conseqüente integração da estrutura.

Subjacente a essa integração está o subprincípio icônico da proximidade (Givón, 1990), que propõe uma integração e/ou proximidade semântica e sintática, dependendo da intenção comunicativa dos falantes. Dessa forma, a idéia transmitida através da construção VTD + SE está tão mentalmente integrada e em consonância com a intenção comunicativa, que os falantes dispõem uma construção também sintaticamente integrada. Em outras palavras, quanto mais próximas cognitivamente e funcionalmente estão as entidades, mais próximas elas ocorrerão no nível da codificação.

A ordem em que a estrutura em estudo é disposta pelos falantes nos anúncios também demonstra uma relação de natureza icônica, que salienta outro subprincípio proposto por Givón (ibid.), o da ordenação linear. O falante coloca o verbo no início da cadeia sintática, fato que assinala a importância atribuída a esse elemento para a informação que se quer transmitir. Ou seja, quando o falante utiliza a ordenação V + SE + COMPLEMENTO, enfatiza a relevância da ação e/ou fato expresso pelo verbo em detrimento do complemento ou agente dessa ação. Sendo assim, a maneira como a construção é disposta não é aleatória. Segundo o princípio da ordenação linear, o falante coloca à frente de sua enunciação aquilo que tem maior relevância/ importância em sua intenção comunicativa, geralmente aquilo que constitui o tópico para o qual se pretende chamar a atenção.

Desse modo, é possível admitir que quando o falante utiliza a construção VTD + SE objetiva ressaltar a ação, indeterminando o sujeito, neste caso, o agente. Tal construção mostra-se muito freqüente atualmente, sendo possível encontrá-la até mesmo nos contextos mais formais. Essa freqüência evidencia a referida estrutura como uma construção não-marcada não somente em termos estruturais, como também em termos cognitivos. Os interlocutores compartilham cognitivamente a codificação lingüística dessa construção sem problemas na comunicação. Por exemplo, o senso comum compreende perfeitamente, sem estranhamento, enunciados do tipo: “*Conserta-se relógios”.

Assim, a maneira como um referente é apresentado no discurso é determinada por fatores de ordem semântico-pragmática, que refletem aquilo que os interlocutores compartilham na interação. Essa questão é tratada pela abordagem funcionalista como o fenômeno da informatividade, que se manifesta em todos os níveis de codificação lingüística e exerce influência sobre os usos lingüísticos, podendo transformá-los, via gramaticalização.

A construção VTD + SE está relacionada a uma estratégia amplamente utilizada pelo falante para atingir suas metas comunicativas, organizando funcionalmente seu discurso. Podemos dizer, portanto, que por pressão da informatividade tal estrutura pode estar iniciando um processo de gramaticalização. Segundo Heine & Kuteva (2006), o estágio inicial desse processo diz respeito a um período de natureza pragmática, em que há uma extensão em termos de uso de dada expressão lingüística a novos contextos. Tal fato apresenta-se na construção VTD + SE, na medida em que se verifica seu uso em um contexto lingüístico diferente de passividade, com vistas a novos propósitos comunicativos: indeterminação do sujeito. O componente pragmático mostra-se evidente nesse processo e, de acordo com Traugott, ainda pode ocorrer o fortalecimento pragmático no decorrer da gramaticalização.

Para finalizar esta seção, ressaltamos que as considerações apresentadas são fundamentais para analisarmos a construção VTD + SE, como ela de fato acontece na

comunicação. Considerar tal construção como voz passiva sintética foge às situações reais de uso. Desta forma, ratificamos o objetivo deste trabalho de pesquisa, que intenta estudar construções com o clítico SE em anúncios, haja vista a frequência dessas estruturas, que não-marcadamente, constituem uma forma bastante recorrente no gênero.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o propósito de analisarmos as construções com o clítico SE em contexto real, solicitamos a alunos do Ensino Médio de colégios diferentes para que construíssem anúncios. Foram convocados 40 alunos do Ciep 087, localizado no município de Duque de Caxias, bairro Pantanal, (19 alunos do 1º ano e 21 alunos do 3º ano) e 56 alunos do Colégio Pedro II, localizado no município de Niterói, Fonseca (29 alunos do 1º ano e 27 alunos do 2º ano, visto que em tal unidade ainda não há turmas de 3º ano). Selecionamos tais colégios, de diferentes bairros, cultura e vivência, a fim de registrar possíveis diferenças no uso de construções com o clítico decorrentes da experiência.

Os alunos convocados para a pesquisa, de ambos os colégios, estão cursando o 1º ano do Ensino Médio (início do segmento) e 2º e 3º anos (considerados, por nós, fim desse segmento). Fizemos essa escolha a fim de saber se a escola está interferindo no processo de concordância – realizado pelos alunos – entre a construção VTD + SE e seu complemento que, como já discutimos, é ensinada nas escolas, numa estrutura dita passiva.

Quanto à abordagem, procedemos da seguinte forma: pedimos para que cada um dos alunos construísse dois anúncios, sem especificar forma para fazê-los. Os alunos deveriam construí-los da maneira que achassem melhor, porém deveriam utilizar os verbos pedidos. Deixamos os alunos livres para escolherem a forma de anunciar para que pudéssemos verificar a recorrência das construções com o clítico *se* neste contexto específico, porém especificamos os verbos para garantir que fossem utilizadas diferentes predicções.

Cada aluno recebia uma folha na qual estavam selecionados dois verbos. Um deles era um verbo transitivo direto prototípico e o outro era prototípico de outra predicção. Os verbos selecionados foram aqueles possíveis de serem encontrados em contexto de anúncio. No total foram cinco propostas de anúncios com cinco diferentes grupos de verbos, como consta abaixo, distribuídos aleatoriamente para cada um dos alunos:

- 1) Formule dois anúncios utilizando os verbos **vender** e **necessitar** (use um verbo em cada anúncio):
- 2) Formule dois anúncios utilizando os verbos **alugar** e **continuar** (use um verbo em cada anúncio):
- 3) Formule dois anúncios utilizando os verbos **comprar** e **trabalhar** (use um verbo em cada anúncio):
- 4) Formule dois anúncios utilizando os verbos **amolar** e **precisar** (use um verbo em cada anúncio):
- 5) Formule dois anúncios utilizando os verbos **procurar** e **permanecer** (use um verbo em cada anúncio):

Desta forma, buscamos compor um *corpus* que retratasse, de maneira geral, como os anúncios são construídos. Assim, apesar de termos nossa análise nas construções com clítico SE, o *corpus* constitui-se de vários anúncios, que foram divididos em cinco grupos:

- 1) anúncios com *VERBO (SINGULAR) + SE + SN NO PLURAL*;
- 2) anúncios com *VERBO (SINGULAR) + SE + SN NO SINGULAR*;

- 3) anúncios com *VERBO (PLURAL) + SE + SN NO PLURAL*;
- 4) anúncios com *VERBO + SE + SINTAGMA DIFERENTE DE SN* e
- 5) anúncios SEM A UTILIZAÇÃO DO CLÍTICO SE.

Pode-se, perceber, portanto, que o *corpus* constitui-se de anúncios de formas variadas, que serão analisadas de acordo não somente com seus aspectos formais, como também e principalmente, através da análise de fatores discursivo-pragmáticos que levam à constituição das construções em estudo neste trabalho.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente, convém ressaltar que focaremos a análise nas construções com o clítico SE, destacando suas características e peculiaridades, sob a luz da teoria funcionalista, numa perspectiva sócio-discursiva acerca do anúncio como gênero textual. Para tanto, realizaremos uma análise discursiva dos casos considerados mais relevantes.

Primeiramente, convém salientar que a construção com o clítico SE, de modo geral, constitui um modelo comunicativo padrão no gênero analisado – anúncios. Observamos que, apesar de não estipularmos previamente uma forma para que os alunos construíssem os próprios anúncios, em ambos os colégios a construção em questão apresentou-se bastante recorrente, sendo a mais utilizada em detrimento de quaisquer outras formas. Dos setenta e nove anúncios construídos pelos alunos do Ciep 087, sessenta e cinco, que correspondem a 82,2% do total, foram feitos com a utilização do clítico SE. Numa porcentagem um pouco menor, porém ainda superior, os alunos do Colégio Pedro II também construíram a maioria de seus anúncios com a utilização do clítico SE. Foram cento e dez anúncios no total e setenta construídos com V + SE, que correspondem a 63,3%.

Os referidos dados mostram que a construção V + SE é recorrente e regular, portanto, prototípica para esse tipo de gênero textual. O uso generalizado, não-marcado desse tipo de construção contempla as funções comunicativas e cognitivas presentes no conhecimento intersubjetivo dos participantes do discurso, acusando um uso gramatical. Ou seja, os falantes reconhecem nessa construção uma forma funcional para atingir os propósitos comunicativos de um anúncio.

Na pesquisa, foram encontrados anúncios com a utilização do clítico SE com todos os verbos analisados, como ilustramos a seguir. Há casos sem concordância, com concordância aparente e pouquíssimos casos com concordância efetiva, como será especificado nos quadros numéricos. Ressaltaremos abaixo alguns exemplos⁵, que privilegiam os casos em que não houve concordância (no caso dos VTD), segundo a tradição gramatical:

- (01) “Vende-se carros”. (Ciep 087 – 3º ano)
- (02) “Necessita-se de materiais de construção”. (Ciep 087 – 3º ano)
- (03) “Aluga-se automóveis: Astra R\$ 5, 00/ km, Civic R\$ 6,00/ km etc.”. (Pedro II – 2º ano)
- (04) “Continua-se inscrições para cursos de informática”. (Ciep 087 – 1º ano)
- (05) “Compra-se jóias em bom estado: ouro, prata e bronze. Algum interesse ligar para o número (11) 3333-3333 ou no site www.joiasalves.com.br”. (Pedro II – 1º ano)
- (06) “Trabalha-se como empresário de atores. Consigo convites para lugares bem frequentados, testes para novelas e filmes, ensaios fotográficos...” (Pedro II – 1º ano)
- (07) “Amola-se alicates”. (Ciep 087 – 1º ano)
- (08) “Precisa-se de roupas, alimentos e atenção. Ajude a casa de deficientes “Atenção pela vida” a passar por este momento desagradável”. (Pedro II – 1º ano)

⁵ Todos os exemplos que apresentaremos no decorrer da análise são extraídos do corpus e transcritos exatamente como os alunos os escreveram.

- (09) “*Procura-se pessoas experientes em adestramento de cães*”. (Pedro II – 1º ano)
(10) “*Permanecem-se sem trabalhar*”. (Ciep 087 – 3º ano)

Nota-se que em quase todos os casos apresentados, com exceção do (10), os verbos mantêm-se no singular. Isso aconteceu com quase todos os anúncios construídos com o clítico SE, uma vez que são raros os exemplos em que os alunos colocaram o verbo no plural, realizando a concordância. Inicialmente, tivemos dificuldade para interpretar esses dados uma vez que muitos desses casos apresentavam o sintagma posposto ao verbo também no singular, como nos exemplos abaixo:

- (11) “*Vende-se uma casa em frente a Praia do Segredo em Angra dos Reis...*”
(12) “*Compra-se carro*”.

Todavia, partimos da hipótese de que essa era uma concordância apenas aparente, pois em consonância com os dados que mostram a grande frequência da estrutura com clítico SE em anúncios, postulamos ser a forma V + SE interpretada pelo falante como uma construção que possibilita ressaltar fatos e/ou ações constituindo, portanto, uma construção não-marcada no gênero. Se o falante estivesse, de forma consciente, realizando a concordância nesses casos, também o faria quando o complemento posposto ao verbo fosse representado em sua forma plural, exemplos raros em nossa pesquisa. Constatou-se, portanto, que a forma V (singular) + SE é considerada de maneira geral uma construção, praticamente um modelo ou uma “linguagem formulaica” (Posner, 1997), que atende às necessidades comunicativas quando se trata de anúncio.

O exemplo (10) constitui um dos poucos casos em que o verbo principal foi utilizado no plural, mas nada podemos analisar a respeito da existência de concordância, já que o complemento é um sintagma preposicionado. No entanto, reafirmamos que os casos de efetiva concordância entre V (plural) + SE e SN (plural) – grupo 03 – foram raros.

De modo geral, os anúncios produzidos pelos alunos nos mostraram que, nesse contexto, não há a intenção de identificar o sujeito da ação. Tomando o anúncio (01) como exemplo, é possível depreender que alguém vende carros, mas o agente não constitui a figura, ou seja, aquilo que é central no enunciado. Desta forma, atentando para as intenções no contexto de anúncio, é possível perceber que o objetivo é realçar a ação, como ilustra-se nos casos de 01 a 10 acima citados. O sujeito não aparece, pois está claro para produtores e receptores que o sujeito é quem anuncia e, sendo assim, não há necessidade de mencioná-lo, uma vez que esse não é o foco. Quanto a isso, é importante destacar que a própria seqüência indica o foco e/ou tópico do assunto tratado no anúncio, uma vez que segundo o subprincípio icônico da ordenação linear, proposto por Givón (1990), o falante tende a colocar na frente em seu enunciado aquilo que lhe é mais importante. De acordo com esse raciocínio, o mais importante no caso dos anúncios seria o fato expresso pelo verbo.

Quando se trata de um anúncio construído por meio de quaisquer verbos, salvo os transitivos diretos, não há problema em destacar as evidências descritas acima. Entretanto, o que ressaltamos neste trabalho de pesquisa é que o raciocínio é o mesmo quando se utiliza um verbo transitivo direto. Ambas as construções (V + SE ou, especificamente, VTD + SE) estão sendo analisadas num mesmo gênero textual, logo, não há diferença em relação à intenção comunicativa. O postulado apresentado nas gramáticas tradicionais a respeito da existência de uma voz passiva sintética apresenta uma análise que não é realizada pelos usuários da língua. Primeiro, há a ausência de uma noção de passividade nas construções VTD + SE. Considerar tal construção passiva devido a uma suposta equivalência entre vozes “passivas” sintética e analítica também constitui uma questão não interpretada pelo falante, pois essa equivalência, como verifica-se em muitos trabalhos, não existe em todos os casos. Ademais, como já foi

mencionado algumas vezes no decorrer deste trabalho, o falante não considera o sintagma posposto ao verbo como um sujeito e por isso, não realiza a concordância. Compare os exemplos, retirados do *corpus*:

- (13) “*Precisa-se de mulheres para trabalhar na recepção da loja Mr. Cat. Informações para o telefone 26222-5051*”.
- (14) “*Procura-se profissionais da área de comunicação e propaganda, que estejam dispostos a trabalhar no sul do país...*”

Nos dois casos os verbos mantiveram-se no singular. Isso acontece pois ambas as construções são interpretadas da mesma forma pelo falante. Há alguém que precisa de ou procura pessoas para exercer algum cargo. Entretanto, no caso (13) admite-se a presença de um sujeito indeterminado, uma vez que o verbo é transitivo indireto, enquanto no caso (14) “profissionais da área de comunicação e propaganda” deve ser considerado sujeito, de acordo com a tradição. Na verdade, o raciocínio não difere e a natureza do sintagma também não. Apesar de o complemento posposto ao verbo ser representado por seres animados, que têm vontade própria, podendo exercer manipulação, tais sintagmas são considerados complementos verbais, ou seja, argumentos. São analisados como parte da predicação verbal. O sujeito, nesses casos, manifesta-se em quem precisa e quem procura, respectivamente, que através das construções acima, são indeterminados. Essa idéia torna-se mais forte ainda quando o sintagma, posposto ao verbo é representado por um ser inanimado, como no exemplo abaixo:

- (15) “*Compra-se coisas usadas*”.

Nesse caso o sintagma se assemelha muito mais a um objeto, visto que por ser inanimado, não apresenta poder de manipulação.

Como discutimos na seção sobre a análise da construção VTD + SE (seção 03), essa forma representa uma relação icônica entre pensamento e estrutura lingüística, uma vez que há nessas construções uma proximidade semântica e sintática, que faz da estrutura uma construção integrada. Essa integração é interpretada neste trabalho, como proveniente da experiência que os falantes têm em realizar a indeterminação do sujeito através da utilização do clítico SE. Como já destacamos anteriormente, a indeterminação do sujeito através de construções com o clítico SE é bastante recorrente. Com isso, é possível perceber uma reanálise da construção VTD + SE pelos usuários da língua, que passam a utilizá-la com o propósito de indeterminação. Assim, constata-se que a construção dita passiva não é mais reconhecida pelos usuários da língua.

Verificou-se, desta forma, que o conhecimento pragmático é que motiva a realização das construções em estudo neste trabalho. A grande quantidade de anúncios com verbo no singular, independente de sua predicação, acompanhado do clítico se (como se verificou nos dois colégios) evidenciou que tal construção constitui um modelo não marcado no gênero. Sua utilização em anúncios ilustra uma função semelhante àquela desempenhada pela marca de indeterminação do sujeito prototípica. Os alunos, portanto, reanalisam a construção VTD + SE com objetivo de dar ênfase ao fato representado pelo verbo, sem focar o agente. Ademais, o verbo é utilizado no singular (independente do sintagma posposto), uma vez que o sintagma que o segue é interpretado pelo usuário como um complemento verbal e não propriamente como um sujeito, haja vista a ausência de passividade em tais construções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido no decorrer deste trabalho de pesquisa buscou analisar a maneira como as pessoas interpretam a construção V + SE, uma vez que partimos da hipótese de que o tratamento dado a essa construção pela tradição gramatical não corresponde às verdadeiras situações de uso em que a referida construção aparece.

Para tanto, selecionamos um gênero específico – anúncios – em que a construção mostra-se recorrente e iniciamos nossa pesquisa através de anúncios construídos por alunos de Ensino Médio. Por meio da análise dos textos produzidos por esses alunos, confirmamos nossa hipótese inicial, visto que verificamos um uso indiscriminado de tais construções, que se misturava aos casos prototípicos de indeterminação do sujeito.

Verificamos que os alunos não interpretam a construção VTD + SE como uma forma própria de voz passiva. Os estudantes reconhecem nessa estrutura um modelo discursivo que atende às necessidades comunicativas para um anúncio. Constatamos que a intenção comunicativa nesses casos é ressaltar a ação representada pelo verbo, que vem à frente dessa cadeia sintática, sem identificar aquele que pratica e/ou praticará a ação posta em questão no anúncio. O objetivo, portanto, é provocar uma reação no receptor através do foco transmitido no enunciado.

Chegamos a essa conclusão com base no fato de que a grande recorrência da construção V + SE, como marca de indeterminação do sujeito, aliada ao propósito de ênfase na ação que a estrutura proporciona, levou a uma extensão desse uso com VTD. As construções com VTD são reanalisadas pelo falante com vistas a atender os objetivos comunicativos concernentes a um anúncio, conforme destacamos acima. A prova disso é o uso da construção V + SE de maneira indiscriminada para atender as mesmas intenções. Ademais, constatou-se no trabalho que as construções com o clítico SE constituem um uso predominante no gênero.

Desta forma, destacamos ainda uma questão importante. Verificamos que a estrutura VTD + SE pode estar em processo de gramaticalização, uma vez que sua frequência em anúncios configura um uso novo, que evidencia um desgaste funcional, ou seja, há uma abstração de tal forma como construção passiva. O uso frequente da construção VTD + SE para atender aos propósitos comunicativos do falante na construção de um anúncio tem contribuído para dar à forma uma nova categorização gramatical.

Cabe ressaltar, portanto, que o presente trabalho acusa a necessidade de analisarmos os fenômenos gramaticais em sua totalidade, já que são as motivações de fala que justificam os usos lingüísticos. Considerando tais motivações no que tange a utilização da construção VTD + SE, verifica-se que analisar tais formas como voz passiva sintética configura-se uma inadequação, já que tal estrutura não representa, funcionalmente, nenhuma idéia de passividade.

Nesse sentido, espera-se contribuir com questões relativas ao ensino da língua. Verificamos neste trabalho que a forma como o falante compreende e interpreta tal estrutura não é considerada pelo ensino normativo. Desta forma, levantamos o questionamento sobre a necessidade do árduo trabalho dos professores para ensinar a voz passiva sintética, uma vez que essa construção, tal como é proposta pelas gramáticas tradicionais, não é utilizada pelos usuários da língua e serve somente para tornar o ensino de língua algo penoso e não funcional.

Ressalta-se também que este trabalho não configura uma novidade no assunto, uma vez que muito estudo vem sendo desenvolvido sob a perspectiva funcional, numa tentativa de ressaltar a importância de considerar fatores sócio-pragmáticos e discursivos na análise do funcionamento do sistema lingüístico. Assim, ratificamos que estudar os diferentes registros em língua portuguesa pode ampliar as relações entre gramática e discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 2. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2004a.
- _____. *Gramática escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004b.
- BRONCKART, J.P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 1999.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, S. et alii (Orgs.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HEINE, B. & KUTEVA, T. *The genesis of grammar: A reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HEINE, B. Grammaticalization as an exploratory parameter. In: PAGIUCA, W. (Ed.). *Perspectives on gramaticalization: current issues in linguistic theory*. V. 109. Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- HOPPER, Paul. *Emergent grammar*. Berkley Linguistics Society, 1987.
- KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. Série Fundamentos. 9. ed., São Paulo: Ática, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (orgs.) *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARTELOTTA, Mario et alii. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PEIRCE, Charles Sandres. In: BUCHLER, John (ed.) *The philosophy of Peirce*. Nova York: Harcourt and Brace, 1940.
- PINHEIRO, Najara Ferrari. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J. L., MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Gêneros textuais*. São Paulo: EDUSC, 2002.
- POSNER, R. *Comunicação na era pós-moderna*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SILVA, José Romerito. Aspectos semântico-cognitivos da intensificação. In: *Gragoatá*. V.21. Niterói: Ed. da UFF, 2. sem. 2006 (p. 201-218).
- TRAUGOTT, E. C. & DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Eds.) *Approaches to gramaticalization*, v.1 e v. 2 Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins Publishing Company, 1991.